



Visado pela
Comissão de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XII • N.º 297 • PREÇO 1\$00

HOMENS DO GOVERNO

Agora

O Senhor Dr. Melo e Castro, superiormente chamado para o cargo de Subsecretário de Estado da Assistência, esteve em Braga no passado mês de Maio, tendo então inaugurado um Abrigo para doentes, aonde a Misericórdia e Vicentinos estão a trabalhar. As camas foram imediatamente ocupadas. A obra era necessária. Foi ali ouvido dizer: *entre outras obras menores está em estudo a construção de pavilhões muito económicos junto aos grandes sanatórios.* Diz ele *obras menores* porquanto, no seu discurso e imediatamente antes, tinha dito das maiores:

«Quanto a camas, temos hoje em funcionamento 7.613, de há cerca de um ano a esta parte entraram em funcionamento mais 1.163, confiando-se na compreensão do Ministério das Finanças e porque se aproveitaram integralmente, segundo directriz expressa do Senhor Presidente do Conselho, as camas dos sanatórios particulares—temos hoje neles 1.050 doentes, tínhamos no fim de 1953, 359.»

Se não estamos em erro, foi no ano de 43 que apareceu a criação de um Subsecretário de Estado da Assistência, sendo certo que antes daquela data todos os ministérios o tinham. Por muito sentirmos a falta dele, entrou-nos no peito uma grande alegria. Recordo como se fora hoje a hora em que li aquela notícia feliz. Tínhamos o homem que muito se precisava, desligado dos mais negócios para se dedicar única e exclusivamente a este. Daquela hora em diante, um qualquer interessado nestas matérias, passava a ir por aí abaixo e dizer o que quisesse a quem estava ali justamente para o escutar. Já então me parecia e ainda hoje me parece. Melhor. Cada vez mais me parece ser necessário no Governo um homem para tratar dos homens. Tudo isto me invadiu na hora em que o jornal do dia trouxe a notícia.

O actual é o terceiro deste título. Dêmos todos graças a Deus por termos na nossa terra quem saiba escolher e por onde escolher. O bocadinho do seu discurso pronunciado naquela maré, em Braga, diz-nos da classe e dá o valor da escolha:

«Os braços abertos da Cruz de Cristo dizem misericórdia, compreensão das dores do próximo, solidariedade, sacrifício de nós próprios, dos nossos bens, dos nossos rendimentos, às vezes tão desmezurados em relação à minguada da generalidade, dizem amor, mas também quando falta o amor

é a haste vertical do madeiro da Redenção que diz JUSTIÇA.»

Os braços não são a cruz. A haste também não é. As duas peças é que são. A palavra *justiça* encontra-se em maiúsculas no discurso, porque também em maiúsculas no coração do orador. Por isso mesmo, um nadinha adiante e como quem não teme, ele prossegue:

«O principal não está na luta específica contra a tuberculose o que importa é aumentar o nível geral de vida da população, fortalecer e distribuir o poder económico, fomentar a produtividade do trabalho e do capital, subir os salários, sanear as habitações, modificar os deficitários regimes alimentares.»

Dá gosto ouvir e não há quem não compreenda as palavras de

homens determinados e em plena realização. A luta contra o mal foi dotada ultimamente com doze mil contos e este capital, ao que se sabe e se vê, está sendo bem empregado e com óptimos rendimentos. Por isso mesmo, outra vez como quem sabe o que quer ouviu-se a voz do orador: *a tuberculose é uma desgraça a conjurar depressa, e uma vergonha a redimir discretamente.* Isto não merece palmas; merece horas de silêncio. E vai buscar o nome das forças que podem redimir: *a Previdência e empresas industriais e piedosas doações.* Todos estes valores são ali chamados. Por todos eles se espera. Se, depois do que sabem e ouviram não se apresentam, também eles e principalmente eles, são a desgraça maior a vergonha do nosso tempo.

NOTA DA QUINZENA

Perto do Colégio da Formiga, Ermeizinde, há um grupo de três casinhas do *Património*, uma das quais, como consta da placa, foi oferecida pelos alunos. Não me sendo possível aparecer no dia da entrega, tive notícia, contudo, que fora escolhida uma família numerosa; mãe e sete filhos. Soube mais que se trata de uma solteira; que tinha entrado para a casa mal refeita do parto e finalmente soube que o seu filho mais velho, hoje de quinze anos, tinha dito à sua mãe: —*eu quero ser o padrinho do meu derradeiro irmão.*

Fiquei preso a esta frase. Aquele dizer no imperativo, deu-me a impressão de qualquer conversa decisiva entre a mãe e o filho; e para me inteirar, resolvi ir por aí abaixo. Ainda ao longe e já se via roupa a secar, crianças à porta e uma mulher com um pequenino nos braços. Não restava dúvida. Era ela e era a casa. Entre sem lhe pedir licença. São três divisões. A cozinha, serviço sanitário, uma horta já plantada. A mulher segue-me sem nada dizer. Pergunto-lhe pelo marido, sabendo que ela o não tinha. Não esconde a sua vida. Confessa. Disse-me dos trabalhos por que tem passado. Do sítio aonde e como morava. Perguntei-lhe pelo filho mais velho. Ainda não tinha chegado do trabalho. Falei do baptizado e perguntei quem era o padrinho. Por esta porta desejava entrar, para ouvir da boca da mãe a sentença do filho; mas ela diz-me que não. Não é o filho. É uma família boa daqueles sítios que se ofereceu

para o acto. Nesta altura a mulher sente-se embaraçada, sem saber explicar porque é que hoje tem tantos amigos. E nomeia. E conta o que lhe têm oferecido. E que o leite para dois filhos vai do colégio. Que é muito visitada e ela, a pobre mulher, não sabe dizer a origem de tanto bem. Agora foi a minha vez. Falei eu. E como a doutrina é uma só, todos os amigos de quem ela fala devem-lhe ter dito a mesma coisa, porquanto, no fim de tudo, oíço da sua boca—*isso tem sido aqui muito batido. Nunca mais.* Creio ter sido em uma destas conversas que o filho disse —*eu quero ser o padrinho do meu derradeiro irmão.* Naquela casa, deve-se ter assentado que o recém-nascido seja o derradeiro.

No meu regresso a casa, entro em mim e medito em tudo quanto tinha visto e ouvido. Ali há cristandade. São verdadeiramente cristãos os que souberam escolher a mãe de sete filhos, sem um marido. Se uma casa do *Património* abriga a ovelha perdida, alegrem-nos com isso. Se as casas do *Património* pregam desta maneira a doutrina do perdão, alegrem-nos no Senhor. Se a pecadora pública, confundida, não soube explicar de onde lhe vêm tantos e tão bons amigos, tomemos isto por um penhor do seu arrependimento. Só o bem é capaz de ir às raízes do mal.

Também soubemos que a comissão recebeu cartas a criticar a infelicidade de uma tal escolha. Não façamos caso. Não são vicentinos. É a sacristia.

Vamos dar hoje à procissão uma feição puramente religiosa porquanto temos nela um sacerdote que fala e que reza. Ouçamos todos em silêncio o que ele diz:

«F. Trabalhador, de 48 anos de idade, casado, tem 10 filhos menores a seu cargo, o mais velho dos quais conta 16 anos.

A mulher aguarda o nascimento do 11.º filho dentro de 3 meses. Tão numerosa família vive numa barraca, constituída por uma única divisão. Porque a barraca não comporta todos, perto e debaixo de um alpendre, cam menos de um metro de altura, dormem 3 dos filhos.

Torna-se necessário a construção de uma casa, havendo já para esse fim cerca de 3.000\$00 obtidos quer dos Serviços da Delegação do Instituto de Assistência à Família quer do Ex.º Governador Civil. Há ainda material, principalmente madeira.

Desejaria que o nascimento do 11.º filho se desse numa verdadeira casa e para isso venho solicitar alguma coisinha.»

Isto, que vem em memorial, não é tudo. A carta é muito mais. É um hino de amor de Deus e de zelo sacerdotal. Informa que foi dentro da barraca e na presença da família, que lhe deu no coração a medida do *Património dos Pobres*. Viu. Sentiu. Vai realizar. A minguada presença das duas forças do distrito, cerca de 3.000 escudos, embora ele não me tivesse dito, supõe-se que seja o fruto de passadas daquele sacerdote. Madeiras e outros materiais, também são a resultante da sua aflicção. Mas o que mais toca a alma da gente é a depreciação final. O pároco deseja que o décimo primeiro filho chegue bem e seja recebido como merece—*numa verdadeira casa.* Isto leva-nos a supor o que seria desta mãe de dez, chegada a ocasião de mais um parto; quem sabe se no *pequeno alpendre*? Isto vem para dizer que são necessários muito mais sacerdotes. Na verdade todos os párocos de todas as freguesias do País que, à laia deste, entrem na barraca, olhem em redor, meçam a grandeza da obra e incluam no seu munus este número esquecido: —*casas.* Casas pequeninas. E finalmente saiba-se que sim. Sim senhor. Quando chegar a hora, aquela mãe há-de encontrar ambiente aonde possa lançar ao mundo mais um homem com a dor e alegria de que o Senhor nos fala no Evangelho.

Vem aí atrás um mundo de gente com dúzias deles, mas desta vez não. Preparem-se os espectadores para a outra quinzena

AQUI, LISBOA! ——— MAIS ———

Fico sem saber o como nem o porquê das altas marés desta quinzena.

Foi tudo grande nestes dias: os nossos trabalhos, arrelias, decepções, donativos, atenções e vitupérios. Tão cedo voltarão estas horas a repetir-se.

Vamos aos factos e, cada um tire as conclusões que entender.

O uso do grande imóvel de que, a partir do dia um, faz a casa dos Rapazes da Rua. *Setúbal* Chegamos ali ao meio dia. Os cães (três grandes lobos da Alsácia) arremeteram furiosos, mas logo perceberam que se tratava de novos patrões. Calaram-se e vieram lambear as mãos. As andorinhas que faziam ninho na capela e entravam e saíam livremente pelo refeitório, deram em não atinar com as portas e atiravam-se desorientadas contra as vidraças. Deixavam de ser as donas. Momentos depois chegava o Senhor Comandante da Polícia, o incansável intermediário desta fundação e pergunta à porta: — Posso entrar? Agora que sou eu aqui: dono ou hóspede?

— Aqui não há meu nem teu; os Rapazes dizem sempre isto é nosso. Em Cristo tudo é nosso, até Deus é *Pai Nosso!* Entre quando quiser.

Passando ao Património dos Pobres, vemos a barca a navegar em mar alto. O *Casal Feis* com mais uma prestação de 3.000\$ deve ter concluído a sua casa. Se até aqui era já feliz, agora muito mais. A placa dirá também da felicidade de quem a habitar. Os petizes de calção do primeiro ano do Liceu Camões, vieram ver a Casa que trouxeram, no ano passado. Ao depararem com ela, num ângulo da estrada, ouve-se em uníssono, um *ah!* espontâneo. Este *ah!* queria dizer: não fomos ludibriados! Lá está a nossa casa! Reitor e professor de Moral foram testemunhas, e alegraram-se com a alegria dos seus Pupilos. Ao retirar, deixaram uma *segunda casa* e prometeram voltar para o ano. E querem um bairro! Liceu Camões! O primeiro, o Maior!

O barco segue para os Açores. Padre Elias pregou ali o Santo Cristo em carne e osso, sem uma pedra onde reclinar a cabeça. Não sei se alguém o ouviu em S. Miguel, mas no Faial, sim: aí está — *A Casa de meus Pais*.

Um telefonema do Liceu Maria Amália, diz que também ali há Reitora e mestras e alunas. Chamado ao palco, fiz por momentos de artista, por amor dos Pobres. Não diz a Escritura que nos tornámos espectáculo ao mundo, aos anjos e aos homens? Ali mesmo nos foi confiada a primeira *Casa do Liceu Maria Amália*.

Não haja pressa porque se não avista ainda a praia. Os *Agentes do Ensino em Portugal*, a quem rendemos homenagem, pois sabemos, por experiência própria, quanto é escondida e esgotante a sua missão, e mal remunerado o seu labor de lidar com crianças um ano inteiro, também eles, apesar de tudo, reuniram a sua primeira casa que depositaram no Montepio. A primeira, pois claro

pois só a Sétima Zona há-de fazer uma de per si.

Voltando ao Montepio, somos informados de que também ali ficaram concluídas as casas de Santa Filomena, fruto dum voto feito em horas de aflição e concluída em maré de júbilo, e a duma Noelista. O Lar de Lisboa esteve há dias invadido com numerosa Comissão do *Pessoal do Instituto Geográfico Cadastral*. Traziam uma casa às costas, melhor, no coração. Querem falar ao mesmo tempo, tal o alvoroço. E dizer de como nasceu a iniciativa, e do entusiasmo do pessoal Menor e da Colaboração da Direcção, e louvam a Deus por terem chegado ao fim antes dum ano.

E nós a quem havemos de louvar?

Ora, se não nos enganamos, temos até aqui, oito casas, o que é já um lindo bairro. Mas estamos apenas em meio. Um talão do Banco acaba de anunciar-nos um depósito de 140 deles às nossas ordens, e por ordem dos *Corticeiros* que não querem nem precisam de ajudas. São sete casas de vinte contos cada!

Quem é que pode dizer que o mundo faliu? Isso é uma mentira tão grande como fazer crer que a cortiça foi ao fundo. Se da cortiça se fazem casas, que dizer do Cimento, da Cerâmica, da Resina, da Pesca, da Conserva, da Navegação, do Comércio, da Metalurgia, etc. etc..

Se cada agremiação acudisse aos seus que caíram na rua, o mundo dentro em breve seria outro.

Mas as casas não são feitas duma peça única; também entram a areia e pedras pequeninas e pregos que neste caso se transformam em ouro. Assim os 20\$ das Crianças da Escola de Cheleiros, e mais os 1.900\$ da Escola Patrício Prazeres que se propõe chegar ao fim, sendo já esta a primeira prestação.

500\$ do assinante 30.394 que todos os meses se encontra com os vendedores à porta duma igreja; 600\$ dos moradores do Bairro de S. João. É muito natural que se aflijam os habitantes desta ária, intercalados como estão entre o Vale Escuro e a Curraleira. A porta d'outra igreja, 100\$; o mesmo do conhecido e amigo Casal de Arroios; 150\$ dos também conhecidos dois *jovens quaisquer*, «com alegria que não pode ser deste mundo»; 110 litros de petróleo da Sacor; 113\$ do abono de dois filhos; 2.600\$ e mais 25\$ duma *admiradora*, deixados no Lar; 50\$ noutra igreja; outros 50\$ dum pai em nome do filho e promete voltar. Um banco de carpinteiro para as novas oficinas. As oficinas... maquinaria para elas? Que dores de cabeça! 500\$ do Tojal! Mais terreno para Casas do Património oferecido no Tojal! Mais frutas no Tojal. O que nós por aqui passamos para chegar a este ponto! 199\$ da Nestlé; Um anel de brilhantes e roupas e calçado e livros e estuques e quatro listas recheadas no Montepio; 50\$ do primeiro ordenado; 20\$ da Póvoa de Santo Adrião; 20\$ de Frietas; 200\$ da Amora; 220\$ da Ajuda; 20\$ da D. das Minas. Mobílias de Lisboa,

Cem escudos de Lisboa. Metade do mesmo sítio, R. D.. Quatrocentos e cinquenta escudos de Tete, da *caixinha que tenho no meu escritório*. Quatrocentos escudos dos Empregados da Manica Trading, Beira. Outro sistema de *caixinha*; é Um que vai por entre os outros e desta forma, todos os meses, vêm aqui com aquela soma. Duzentos por duas intenções. Esta cartinha para bem de todos nós: «Dum dinheiro, com que não contava e me veio fazer um jeitão, envio-lhe parte, para qualquer urgência.

Pecador, esqueço-me frequentemente de que não devo estar à espera da hora da morte para olhar com mais amor aquilo e aqueles que me cercam e proceder de conformidade. Peço-lhe, por isso, rogo a Deus me faça melhor, para o que, aliás, já muito tem contribuído o seu Gaiato. Obrigado.»

No primeiro domingo de Julho aqui chegou o Manuel Mendes Júnior com o grupo das cigarreiras e no primeiro domingo de Janeiro próximo voltam. É a *caixinha*. Não há semana que ali não caiam tostões. São 300 operários:

«Oficina Afonso Cunha	550\$00
Oficina de máquinas	500\$00
Oficina Cruz Magalhães	472\$50
Oficina Soares Ribeiro	450\$00
Oficina do Pique	110\$00
Soma	2.082\$50

Um dia destes, o carteiro coloca sobre a minha mesa de trabalho o maço da correspondência, enquanto apresenta o livro dos registos. Naquele dia eram 27. Como de

costume assino e o homem, que nunca diz nada, por hábito, naquela maré disse: *amanhã trago mais*. Eu fiquei a ruminar naquelas palavras vulgares. Dei em olhar para dentro delas e descobri um fundo luminoso. *Amanhã trago mais*. Isto significa que o Espírito Santo renova e inunda e é. Cem escudos para a mãe que só dá pão ao filho quando ele barrega. Metade do Porto. O dobro de Castro Branco. Metade de Gaia. Cem escudos do Mário Ferrão, da Beira. Uma migalhinha de duas Marias dos Sacrários, aonde dizem — *Obras todas do Senhor bendizei ao Senhor*. Reproduzir dentro de nós mesmos o que Deus produz na Natureza, não é nada fácil. Em regra, o homem só vê a sua obra.

O senhor padre engenheiro tem-me fritado e continua e declara que me não deixa, enquanto se não disser aqui da oferta de uma data de tubos para camas, que um Organismo de Matosinhos nos ofereceu. Diz ele, senhor padre engenheiro, que não se trata da oferta, mas sim da maneira delicada como a fizeram.

Desde que senhor padre engenheiro chegou, nunca mais compramos coisas à porta. É o Porto. Tudo no Porto. Ele e a fourgonete limpam a cidade; e também as nossas reservas...

Cinco contos de alguém do Porto que se propõe tomar à sua conta os medicamentos da casa do gaiato de Paço de Sousa. Remédios. Curar. Este senhor do Porto é feliz e está tudo dito. Seis contos do senhor abade das Antas. E tudo quanto vai ter ao Espelho da Moda.

UMA CARTA

É de Nampula. Quando a discussão é ordeira e construtiva, dá luz.

«Escrevo-lhe... nem sei porquê! Um impulso de mulher que gosta das medidas justas e de justos comentários.

Queira perdoar-me: mas aquelas considerações que faz o querido Pai Américo a propósito da carta do nosso Zé Poveiro, não me parecem razoáveis.

«Há muitos casamentos infelizes porque a mulher não sabe lavar nem remendar.» Pergunto: não sabem ou não querem?...

Acredite no que lhe digo: há mulheres que nunca aprenderam porque as condições da vida lho não permitiram, e que lavam e remendam perfeitamente e são excelentes donas de casa.

e dois caixotes de roupas para os *batatas*, vindas de Lourenço Marques por intermédio da *Breyner & Wnith*

Ao terminar esta longa resenha voltamos a perguntar: como e porque tanta generosidade? Só em Deus podemos encontrar explicação. Honra lhe seja!

PADRE ADRIANO

As Escolas para isso, se as há, podem facilitar, mas não são indispensáveis: basta que elas tenham boa vontade e queiram trabalhar. A prática, faz o resto. Exemplo: nunca tive lições de costura; até há pouco, nunca tinha feito um pijama ou uma camisa; agora atrevo-me a confeccionar toda a roupa de minha casa. Habilidade? Não. Boa vontade e esforço. Sabe Deus o que me tem custado! E não sou única. O que eu fiz, muitas têm feito e todas podem conseguir.

As que têm curso superior e também são «analfabetas», menos desculpa têm; porque essas, mais desenvolvidas, devem compreender que qualquer trabalho ainda que rude e humilde, não lhes diminui a superioridade.

Também conhecemos meninos que além do curso que tiraram ou do oficiosinho que aprenderam, não são capazes de pregar um prego!

Em casa, uma torneira verte, a tranqueta duma porta escangalhosa, e eles não sabem consertá-las!

Eu conheço-os, e creia que não constituem excepção, tão elegantemente pipis e tão verdadeiramente inúteis, que são as mããs e as manas, todas as manhãs, que lhes vincam as calças e lhes engraxam os sapatos!...

Irmãzinhas de Jesus

Estiveram aqui. Tínhamo-las esperado todo o dia, ansiosos de ver Jesus de quem elas são irmãs. Chegaram ao fim da tarde em uma carrinha conduzida por um Irmão de Jesus que é padre: a fundadora irmã Madalena, as três superiores gerais e a irmãzinha que em Portugal é o elo entre aquelas e as três Fraternidades estabelecidas entre nós.

A ansia de todo o dia não foi sem razão. De facto, nós vimos Jesus estando connosco, na simplicidade, na pobreza, na alegria, na abnegação com que aquelas mulheres e aquele homem se dão a ter fome de almas, daquelas sobretudo que as condições humanas trazem por longe do Deus único e verdadeiro.

Nós também amamos a pobreza e somos pobres. Não tanto como elas, mas somos pobres. Por felicidade temos poucas cadeiras e três apenas na sala onde nos juntamos. Nem fizeram falta. As irmãzinhas de Jesus conhecem de prática a vida do divino Irmão. Já foram e viram onde Ele morava. Sabem que a sombra de uma árvore era o Seu teto e uma pedra do caminho o lugar do Seu repouso. Aqui não havia cadeiras, mas chão e parede. Nele se sentaram encostadas a ela, com a paciência de quem encontra o que precisa. Pai Américo sentado em sua cadeira. A fundadora e eu em outras duas.

Achei naquela cena rasgos de alta encenação, feita de singeleza que esmagava, como haveria de ser naquele tempo, no alto dos montes ou do cimo das barcas, quando Ele falava às multidões que O seguiam.

As Irmãzinhas de Jesus nasceram quando nós, em 1940. São tantas, espalhadas pelas 112 Fraternidades dos cinco continentes, quantos os rapazes das nossas 10 Casas. Impressionou-me esta coincidência, porque, posto as nossas finalidades primárias e consequente natureza das obras sejam bem diferentes, é o mesmo o espírito que nos anima: regresso a Jesus de Nazaré, ao Evangelho vivido na totalidade da nossa vida. Regresso e não progresso, na medida em que este significa uma fuga de Deus para aquela soberba antiga que perdeu o primeiro e com ele todos os homens: «comei da árvore da ciência e sereis como deuses».

A vida das Irmãs e Irmãos de Jesus é a mesma do Filho do Carpinteiro. Não é a vida pública de Cristo o seu programa. É a vida escondida no Lar de Nazaré. É a vida escondida, mas agora, após a Paixão e Morte e Ressurreição do Mestre ter revelado aos homens toda a eficácia das vidas escondidas por dedicação.

O seu apostolado é de presença: Viver em Cristo nos meios onde é difícil ser cristão. Daí as Fraternidades nas curraleiras, nos meios fabris, nos cais dos grandes portos, em todo o lugar onde a ausência do sentido fraterno dos homens que podem e devem, reduz os irmãos que precisam a condições moralmente impossibilitantes de vida

humana, que é vida de espírito.

O silêncio das suas bocas dá lugar à eloquência dos seus actos. Tudo com extrema simplicidade, como se todas as pessoas fossem assim, para que na verdade todas se tornem assim.

As Irmãzinhas e os Irmãos de Jesus, constituídos sob o patrocínio do P.^e Carlos de Foncauld cuja espiritualidade fizeram sua, são, só porque existem, a prova da necessidade da morte da semente para que a árvore nasça e frutifique. A prova de que nada é em vão de quanto é feito com vontade recta e humildade; de que «tudo vale a pena se a alma não é pequena» para dizer com o nosso poeta.

Carlos de Foncauld morreu no deserto às mãos dos que quis salvar. A sua morte nada. Muitos anos passaram sobre a sua morte... e nada. E *naquele dia que o Senhor fez* para a semente germinar, a árvore saíu da terra e os seus frutos são-nos oferecidos.

Diante daquelas irmãs sentadas num chão de pinho esfregado, encostadas a uma parede de pedra caiada, nós ajoelhávamos interiormente diante da Santa Igreja de Cristo, deslumbrados pela Sua modernidade, pela actualidade da Sua palavra e das Suas obras, que sendo de ontem, são de hoje como nenhuma outra, e continuarão a sê-lo amanhã. Curvávamo-nos cegados, como Pedro, Tiago e João no Tabor, porque Jesus estava ali, transfigurado no esplendor da Sua Igreja, Sua Presença perpetuada até ao último dia.

P.^e Carlos

Muito Importante

Acontece ultimamente que estamos recebendo cartas de vários párocos de todas as dioceses, aonde se nos pede indicações de como erigir a obra do Património na freguesia. Em muitos casos nota-se que é o zelo do próprio a falar. Noutros, vê-se que são os paroquianos à volta do seu pastor. Em qualquer deles e para evitarmos dar acada um sua resposta, resolvemos sob esta epígrafe e por meio do jornal, dar a que convém a todos:

Quando fôr assim, o pároco daquela freguesia, não tem mais nada do que dirigir-se directamente ao seu Superior, de quem recebe as necessárias instruções. A seguir regista os terrenos oferecidos. Depois manda-nos uma cartinha informando que tudo está realizado; e nós cá estamos... Não se torna necessário enviar a própria escritura, como alguns têm feito. Isto seria um excesso. Nós tomamos por boa a informação. Acreditamos na palavra. A própria natureza da Obra não admite falsidades.

Creio ter sido explícito. Os Padres da Rua são os fundadores, sim, mas não devem ser os executores da Obra.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Aviz. As primeiras casas de Aviz. Temos uma fotografia e aglomeração de povo no dia em que se entregaram as primeiras.

dúzias nos vão ser confiadas; tal a simplicidade da forma e a urgência da coisa! Mas existe outra razão: uma família deseja na sua



Aqui Murtosa. Andam ali os vicentinos de mangas arregaçadas, a ver se tiram do mapa esta mancha.

Que formosas! Não sei bem porque, mas as casas alentejanas são as que mais chamam por mim. Façam no Alentejo a casa alentejana. Pároco e vicentinos da vila, ficaram esgotados, mas não lhes falta coragem para nova empresa. Quanto a nós, não deixaremos de marcar presença, apenas saibamos da posição jurídica naquela diocese. Até lá não. Serão belas, como estas de Aviz, as de Montemor-o-Novo, dez delas, mandadas construir por uma Senhora de lá e entregues à paróquia; serão assim belas? E uma terra ali perto, aonde uma senhora acaba de oferecer terreno para vinte e uma outra Senhora, além do terreno, oferece cinco moradias; também vão ser das mesmas linhas? Sim. Que sejam. Façam casas alentejanas no Alentejo.

Ao pé de S. João da Madeira, freguesia de Cesar, houve uma Senhora que fez à sua custa e entregou ao pároco quatro moradias, aonde já se encontram outras tantas famílias, que ainda duvidam do facto, como muitos fizeram no dia da Ressurreição, tal a alegria! Aqui perto, na freguesia de Valpedre, foram duas. Canelas outras tantas. Gondalães uma. E o que aí vem? E o que por lá anda?

É tanto o volume da correspondência a este propósito, que nos vimos na necessidade de erigir a secretaria, nós que sempre fugimos dela! Tivemos de comprar um rol de material, fazer índices, proceder a trabalhos, informar; um pequenino SNI! E assim é que temos muito que dizer aos nossos leitores porque muito sabemos dos nossos correspondentes.

Estamos actualmente entrando em uma feliz modalidade; famílias ausentes de suas terras, desejam erguer casas para os pobres da sua terra, dentro dos moldes do «Património». Começamos já a receber dúzias para este fim e não é preciso o dom da profecia, para afirmar que muitas e muitas mais

casa uma graça do Coração de Jesus. De maneira que temos Jesus empenhado na Sua Obra, a viver no que é Seu, compreendido e amado pelos Seus. Eis.

Fomos há dias por aí acima até Santa Marta de Penaguião, em serviço. Pedimos horas ao pároco e que mandasse ele recado a Medrões, de onde temos encomendas e sem o pároco, nada. Estivemos os três reunidos. Sim senhor. Observei zelo e muita decisão. Eles querem.

Do sítio aonde nos encontrávamos, um apontava, enquanto ia informando: *os daquela casa não residem na terra.* São as casas maiores. São as casas melhores. Ali é tudo eles. Não se discute a preferência que cada um possa manter pelos grandes centros, mas pede-se a todos os que se afastam uma pausa e ao depois generosas decisões. Não só Santa Marta, mas sim e também as terras Douro acima, aonde abundam casos semelhantes ao que hoje ocupa a epígrafe *Agora*.

Os senhores estão ao facto de um donativo de 500 contos superiormente concedido e despachado, para auxiliar a construção de cem residências, à medida de cinco deles por unidade; estão ao facto, não é assim? Ora nós, que mantemos hoje correspondência impecável, temos dado conta de 83 casas até fins de Junho. Por conseguinte, justo e razoável seria que, a esta data, tivéssemos nas nossas mãos 83 vezes cinco contos. Mas não. Não senhor. Cem contos é tudo quanto até à data se recebeu!

Em anos anteriores, levavam outro caminho as esmolas atribuídas à Obra da Rua. Era assim: da caneta do Ministro, passavam directamente às mãos do Comissário Geral do Fundo de Desemprego. Dali, passavam directamente às nossas e imediatamente começavam a produzir. Tudo a bem da Nação. Desta vez, não. Resultado? Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho e estamos em Julho.

JÁ PODE ADQUIRIR
O NOSSO NOVO LIVRO

«Viagens»

QUE ESTÁ EM DISTRIBUIÇÃO

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Passei à porta da cozinha, onde se encontra uma enorme mesa de pedra, um destes dias à noite. Em volta desta pratos, garfos, pão e no meio uma grande panelada de batatas com bacalhau.

Quem dava ordens era o Manel Cêco. Indaguei o que era imediatamente: tinha sido a recolha do produto dum valente quintal de batatas que o Manel mai-lhos seus ajudantes semearam. Apareceram alguns fora da conta a ver se escorregava alguma coisa, mas o Manel não foi na «rola»...

Esta lição foi muito boa, pois estes que estavam na cola para outra vez mexem-se e é se quiserem... comer à pala é que não vale!

Todos os anos por este tempo, é isto, mas a verdade é que mereceram, pois para isso também perderam os recreios, cuidando religiosamente de seus quintais.

Parabéns e que para outra vez a colheita seja mais forte, para a pratada ser mais cheia...

—Estamos mortinhos que chegue o dia 24 do corrente. Estamos me-mo à esperinha!

Não se fala cá na aldeia noutra coisa. E o caso não é para menos, pois vamos ter a subida honra de receber os componentes do programa mais alegre da Rádio Nacional—A Voz de «Os Ridículos».

Vem o seu ilustre director, Sr. João Manuel, o bate-chapas, que é o Mingo; o linotipista, o imitador Mena Matos; repórter, Ferreira da Cunha; chefe das oficinas, Alberto Caldeira; litógrafo, António Santos; chefe dos ruídos exteriores, Castro e Silva, que trás com ele um bom punhado de maestros. Não faltarão também, os versos à Manuel «Moreno», de Eduardo Augusto. Enfim, vai ser uma festa cheia de alegria.

Podem cá vir se quiserem pois este grande espectáculo é de graça. E custa, apenas o trabalho de cá vir. Pode vir toda a gente: novos, velhos, grandes e pequenos.

O espectáculo deve começar às cinco horas e é no nosso campo de futebol, onde será, para o efeito, montado um estrado. Temos cá um belo salão, mas é muito pequeno e a assistência é numerosa. Vem muita gente na caravana por eles organizada. Os que ainda se não inscreveram, podem fazê-lo na Rua das Flores, 291-2.º, pois esta é grátis. As camionetas de carreira, carros de praça, os combóios, empregados da C. P. vão-se ver suadinhos para dar vazão a isto tudo. Cá prós nossos lados, vai ser o fim do mundo!... Pudera! A Voz dos Ridículos fala e o mundo acredita e ri!...

—Os seminaristas que frequentam o Seminário dos Olivais são muito nossos amigos. Nas suas férias, vêm passá-las junto de nós, tornando a cruz do Senhor Padre Carlos mais suave, aturando-nos. Há deles que vão pró Tojal, pra Coimbra.

Criam aqui muitas amizades e não se esquecem de nós, apesar de lhes darmos que fazer.

O Rev. do Senhor Padre Belinquete, que se ordenou recentemente, veio cá celebrar a sua terceira missa, sendo a primeira em Fátima, segunda na sua terra natal—Aveiro. Foi cantada pelo nosso orfeão, tendo tomado o precioso alimento, muito dos nossos irmãos pela sua intenção e da nossa Obra.

Ficamos imensamente gratos a pessoas assim, que não nos esquecem, tornando-nos participantes directos do sacrifício por eles oferecido ao Deus Poderoso.

Que Deus o conserve sempre pertinho de Si, sentindo o calor das Suas Chagas; que ele seja o feliz transmissor desse abençoado fogo às ovelhas que andam arredadas do verdadeiro redil. Que vegetem na escuridão, sem ter quem lhes abra os olhos da fé. E tantos há assim! Tal, que o mundo se encontra enfermo, perdendo por vezes equilíbrio. «A messe é grande e os operários são poucos».

Que tenha pela vida fora muitas felicidades e Bênçãos do Céu, sem as quais nada podemos nem

valemos. Serão todas as nossas acções nulas. Quando pelo pecado, com Ele cortamos relações, fugimos da vida e entramos na morte. Desta sairemos, se quisermos, pelo sacramento da Penitência.

Quando cortamos um ramo a uma videira, este morre, pois a seiva já não gira para lhe dar a vida. Esta corre a vida toda, chega ali e fica uma gotinha. É uma lágrima que chora a separação do irmão-ramo. Como as coisas da Natureza estão bem feitas! Que lições que nos dão! Mas nós não as queremos aprender. Reparámos nelas, mas cobardemente fugimos. Tornamos irreconhecível, a nossa já fraca condição humana. Obrigado Sr. P.º Belinquete pela alegria que nos proporcionou. A justiça saberá recompensá-lo.

—No passado dia um, dia em que a igreja celebra a festa do Preciosíssimo Sangue de Jesus, começou a funcionar mais uma casa do Gaiato.

Fica em Algeruz-Setúbal. Da cada casa foram dois, excepto do Tojal, que foram quatro, para guiar os futuros habitantes daquela casa. Uma casa muito grande, como nos indica a maquete. Tem lugar para duzentos rapazes e grande parcela de terreno para cultivar.

As raízes da nossa Obra espalham-se a todo o Portugal. Por este andar, teremos daqui a pouco tempo a Casa do Gaiato no Alto e Baixo Alentejo, Angola e Moçambique.

O Ex.º Sr. Engenheiro Agrônomo Manuel Rente, que esteve de visita à nossa aldeia, para ver com o funcionava a nossa obra, ficou muito contente, entusiasmado mesmo, com a nossa organização.

Também ficamos muito contente com a sua visita e por ter executado e muito bem, para nós, algumas das canções mais populares, com a sua gaita de beijos. Tocava tão bem, que até nos deixou ficar de boca aberta.

—O Gaetano já está melhor já anda cá por fora a passear embora com bastantes cuidados. O hospital ia ficar vazio, mas o Zé Pacóvio partiu uma perna tendo de ter um estágio bastante prolongado. Que ele melhore o mais rapidamente possível, os nossos votos.

Cumprimentos para todos, com os desejos de os ver cá todos no próximo dia 24, dia da Voz de Os Ridículos. Até lá se despede o

Daniel Borges da Silva

SETÚBAL Foi no dia um do corrente, dia do Precioso Sangue de Jesus que nós começamos a habitar mais uma casa em Setúbal. Fomos cinco rapazes os primeiros a chegar a Algeruz. Já passava do meio-dia e quisemos comer, mas não tínhamos pratos nem colheres porque a Senhora se esqueceu de pô-los no cesto, mas a gente não se atrapalhou, pedimos cinco colheres, e o Sr. Padre Adriano teve de comer no cesto enquanto nós comemos mesmo no tacho. Depois do almoço começamos a trabalhar a armar camas para as camaratas. A seguir chegou o Sr. Prior com uma carrada de rapazes e de Alcácer veio o Sr. Padre José com outra carrada de rapazes. Mais tarde lá que foram elas; não tinha chegado a camioneta com as coisas, nem havia água nem electricidade, por isso já os senhores estão vindo como foi aquilo. Fomos a Setúbal vender «O Gaiato».

Quando «u vendia apareceu uma Senhora que disse: —Esse jornal não se vende aqui porque é comunista e eu disse assim: então minha Senhora tome lá um jornal e leia, depois venha ter comigo. E assim foi. Acabada a Missa a Senhora chegou ao pé de mim e deu-me um escudo e disse: quero continuar a comprar mais. Por isso caros leitores, é só ler e só comprar.

Gatito que no Porto vendia 250 vendeu apenas um e eu 28. Foram fundadores 12 rapazes; 2 de Miranda, 2 de Paço de Sousa, 4 do Tojal e 4 de Alcácer do Sal. Ficou muito por contar, mas para o próximo número contarei o resto se Deus quiser. Eu sou de Setúbal e tenho muita honra em ser um dos fundadores.

Joaquim Nunes de Oliveira

TOJAL O dia de S. Pedro, foi para nós, dia de paródia. A Fábrica de Sá Couto, do Sr. Oliveira enviou-nos uma carrada de bombas, rabichas e foguetes.

As duas carroças que há pouco tinham sido guardadas, depois do serviço das obras, foram logo para o serviço da fogueira. Foi um rancho deles pela quinta fora até ao olival a acarretar lenha para o largo do chafariz.

Logo que escureceu começou a distribuição do fogo de artifício. Alguns que se adiantavam, em vez de bicha apanhavam com o setique do hoquet. Dois outros ainda deixaram estoirar as bombas nas rãs julgando que eram rabichas, mas não houve nada de grave.

—Tenho a agradecer atenciosamente aos nossos leitores o terem atendido os meus pedidos. Tem vindo roupa, peneus, relógios, pastas para dentes, livros, revistas e muitas outras coisas, tudo foi entregue. Menos o harmónio. Até quando? Até calhava bem que viesse agora porque eu ando a aprender a tocar piano e já arranho qualquer coisa.

Estamos a preparar tudo para marchar para a praia de S. Julião da Ericeira. Já chegaram os seminaristas que vão tomar conta.

Na semana passada foi aqui uma barafunda para preparar tudo o que era preciso em Setúbal, roupas, loiça, mercearia, mobílias, etc... Agora é a mesma barafunda para levar tudo

Isto é a Casa do Gaiato

*** Hoje de manhã saíram da casa de Paço de Sousa dois missionários, que se foram juntar a outros tantos na casa de Miranda, seguiram dali para o Tojal aonde



Os dois—José e Maria Clarisse.

se juntaram a mais dois e os seis foram dar à Casa de Setúbal. São estes os fundadores. O Reverendo Padre José Flausino estava à espera e imediatamente deram começo aos trabalhos da fundação. Isto que aqui se diz e parece uma simples notícia de jornal, se não constitui novidade, pois que a nossa obra é conhecida, com certeza é motivo para sérias meditações. O rapaz da rua a conduzir o rapaz da rua!

Não sei da qualidade dos que foram de Miranda e do Tojal; os nossos padres desfizaram-se com certeza do que lhes parecia melhor. Mas sei o que pensa e quanto vale o missionário desta casa, que tem dezanove anos feitos e escolheu por seu ajudante um pequenino da rouparia.

Falámos muito na véspera da partida. O rapaz compreende e sente o valor de uma vida que se dá a outros. Avalia e gosta de ser prestável. Deleita-se por haver sido escolhido em uma reunião de todos os ch-fes; e isto que se diz é mais um assunto para oferecer aos homens sérios, sérias meditações. E se nos fosse possível dizer quem era este rapaz quando aqui chegou e o que foi no meio de nós até há pouco; se isto se pudessem anunciar, seria um prodigioso acto de fé na eficácia e plenitude da graça santificante!

*** Acaba de chegar a Lisboa um dos primeiros dos nossos rapazes, que completou o seu contrato e na força do qual vem gozar férias. No próximo mês chega outro e a seguir a este, outros. Está lançada a ponte. Estes rapazes, embora não dados imediatamente à

para a praia. Assim como muitos andavam no ar para ir para Setúbal, agora andam outros a fazer prognósticos para ver quem vai para a praia. Ao cabo e ao resto os que não contam é que vão e os preguiçosos ficam em terra.

—O Vitor que é o que andava na esfrega das camaratas, custava-lhe muito estudar na escola, porque não tinha cabeça, lembrou-se que a pasta Couraça servia de Fósforo-Ferrero e toca a comer todos os dias: O pior é que os das camaratas quando iam lavar os dentes, deram pela falta. Se a pasta desse juízo fariam já uma encomenda dum comboto delas.

Joaquim A. Gouveia Marques

Obra, também a pregam. Na verdade, trabalhando, como de facto trabalham, em grandes empresas e merecendo ser reconduzidos, não resta dúvida nenhuma. Também eles são missionários. Outra coisa muito simpática é que ambos vêm determinados a tomar por esposa a namorada que deixaram. Gosto muito disto. São rapazes firmes. Alimentam os seus propósitos. Deus os ajude.

Na última reunião dos padres da rua, falou-se justamente da chegada deles e ajustamos em tomá-los por filhos, pois que do berço saíram e ao berço regressam. Também esta notícia deve oferecer matéria para muitas considerações. Nem quero agora dizer nada dos tristes casamentos que alguns levemente realizaram e estão sofrendo as consequências. Não quero dizer! A hora não é para tristeza.

*** Damos aqui a fotografia de mais um que se casou. É trabalhador na Câmara de Gaia. Ganha muito pouquinho, mas luta e espera. A sua mulher servia uma família de bem e de bens, que lhe ofereceu o almoço e o vestido de noiva. Ela é natural das Caldas de Aregos. Ele de Vila Nova de Gaia. Deus os ajude.

Notícias da conferência da Nossa Aldeia

Como não podia deixar de ser a assinante 17.022, quando pode não se esquece dos pobres e mandou 20\$. David Ferreira da Costa igual quantia. Da assinante 17.740, 20\$, também, remanescente do pagamento do livro. Do assinante n.º 60 como saldo de cont.ºs aqui vão 30\$. Do cliente e amigo da nossa tipografia, Ezequiel Pinto, o mesmo. No Espelho da Moda, 100\$ da Minucha e priminhos. Assinante 22.420, de Mafra, 5\$00. Joaquim Melo e Silva, do Porto, 10\$. Agora temos Luanda. Luanda à vista. Não sabemos quem seja o ou a assinante 13.781, mas por esta oferta de 100\$, bem se vê que muito deve amar os pobres, e muito particularmente os da nossa Conferência. Nós sentimos satisfação, muita satisfação em recebermos a visita destes nossos sinceros amigos e habitantes da imensa África. Estávamos ainda com a pena na mão, à espera do que havia de vir e surge mais, de Vila Salazar, 50\$. Voltemos o nosso olhar para Valadares donde o assinante 24.461 nos dirigiu 20\$. Dali saltamos a Lisboa e eis que nos aparece o assinante 13.880 com 50\$ num vale postal. Do Porto e Rua de Santa Isabel, n.º 63 recebemos igual quantia. Assinante 4.801 diz numa carta: *desejo que estes 20\$ sejam para minorar a fome de duas famílias. Pena é ser tão pouco! Que legendas! Que força tem a caridade! Pena é ser tão pouco.* E, para fechar, deixamos para o fim uma pequenina carta de Lisboa: *comemorando o nascimento de nossa filha, de sete dias, enviamos 20\$ para a Conferência. H. e E. Eis a alegria do matrimónio—os filhos.*

Júlio Mendes

RECORTE

Não sei se os senhores leram na Imprensa que os nossos Ministros das Obras Públicas e das Corporações, resolveram ir às Caixas buscar meio milhão, para construir urgentemente casas de renda barata em Lisboa, no Porto e outras terras da nossa Terra; e ficou lá outro tanto para construir outras tantas. Um milhão de contos. Assim sim.

O Rev. padre Pedro, hoje de todo o mundo, naquela noite de inverno e cidade de Paris, não precisou de muito tempo. Cinco minutos e eis a deflagração. Hoje anda pela América do Norte. Mais deflagrar. Só este poder secreto que Deus concede a meia dúzia, é capaz de penetrar nos corações e até nas Caixas!